



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
CAMPUS XVIII - EUNÁPOLIS
COLEGIADO DE LETRAS

DENISE ROSA DE OLIVEIRA

A RESSIGNIFICAÇÃO DO AMOR NA OBRA DE LUNA
VITROLIRA AQUENDA: O AMOR ÀS VEZES É ISSO

EUNÁPOLIS - BA
2023

DENISE ROSA DE OLIVEIRA

**A RESSIGNIFICAÇÃO DO AMOR NA OBRA DE LUNA
VITROLIRA AQUENDA: O AMOR ÀS VEZES É ISSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas e Literatura do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia – *campus* XVIII.

Orientadora: Prof^a Me. Hervickton Israrel

**EUNÁPOLIS - BA
2023**

FOLHA DE APROVAÇÃO

A RESSIGNIFICAÇÃO DO AMOR NA OBRA DE LUNA VITROLIRA AQUENDA: O AMOR ÀS VEZES É ISSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas e Literatura do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia – *Campus XVIII* na Área de concentração: Ensino de língua portuguesa e suas literaturas.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador- Prof^a Me. Hervickton Israel
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Prof.^a Dr. Andréia Cristina Freitas Barreto
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Prof.^a Silvana Carvalho da Fonseca
Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por me permitir superar todos os obstáculos encontrados ao longo da graduação e na realização deste trabalho.

A minha mãe, por todo incentivo, dedicação, por ter sido sinônimo de força nos momentos em que fraquejei, pela paciência, por sempre acreditar no meu esforço e por compreender a minha ausência enquanto me dedicava no processo de escrita deste trabalho.

Dedico as minhas irmãs Daphane e Daniela, que me impulsionaram todos os dias com palavras de apoio e força, pelo companheirismo e cumplicidade em todos os momentos da minha vida.

Aos meus sobrinhos, Davi, Benício e Eloáh, por me impulsionarem mesmo que indiretamente e que foram meu alicerce nos dias difíceis.

Dedico todo esforço que depus neste trabalho a minha avó Dominga (in memoriam), que se faz presente em todos os dias da minha vida, sei que, de algum lugar, ela zela e olha por mim.

Ao professor, Hervickton, por ter sido meu orientador e ter desempenhado esse papel com dedicação, amizade, paciência e compreensão.

As minhas amigas de graduação e da vida, Achaiah, Ana Carolina e Kaiana, que se colocaram à disposição para compartilhar as minhas dores, alegrias e tristezas, fazendo a vida e a graduação serem mais leves.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

“Decore: o amor sabe pronunciar o seu nome, o amor não te esqueceu, o amor é pra você, o amor sabe o caminho que leva até seu corpo, o amor te vê como casa, o amor te sabe, o amor te chama e te reconhece. Eu sei que você tem pensado quando o amor irá retornar ou quando vai chegar pela primeira vez, qual será a forma, o gosto, a dança, e sei também que você está preparando a sala de dentro pra recebe-lo. Meu bem, o afeto é sua essência e nenhuma partida pode levar embora o que é genuinamente seu, o que é inerente à sua existência. Também quero pedir que você tome cuidado pra não se apaixonar pelo que te machuca e acabar chamando isso de amor, quem te fere não quer que você se mova, guarde isso contigo. Cuide de sua cabeça, cuide de sua pele e sendo essa pessoa imparável, respeite o seu contínuo. Não basta saber que seguir em frente é a saída e amassar o passado pra fingir estabilidade. É preciso baixar alguns escudos e talvez erguer outros, é preciso agir, é preciso se salvar.

É preciso apostar as fichas em você, é preciso conversar com o futuro. Nomeie seus sentimentos e vivências de forma honesta consigo mesma.

E se você ainda não consegue se ver sagrada, que essas palavras sejam um possível início dessa estrada.

Repita comigo: bem me quero, o amor bem me quer e bem me quero novamente.” (Ryane Leão)

RESUMO:

O objetivo dessa pesquisa é compreender de qual forma o amor é representado na obra de Luna Vitrolira (2018), observando como ela desconstrói a idealização do amor romântico ocidental. Para além disso, foram abordadas questões voltadas para a relação histórica da mulher perante a sociedade e que são retratadas na obra, tais como violência, abusos e feminicídio, refletindo sobre a dominação masculina, a reprodução de valores dominantes e historicamente voltados a uma sociedade patriarcal, na qual prevalece a violência simbólica de gênero. Desse modo, essa compreensão acontece por meio da análise de nove poemas dispostos na obra com o intuito de reconhecer de qual forma ocorre essa desconstrução afim de entender como esta corrobora para o processo de cura, liberdade e auto pertencimento feminino.

Palavras-chave: Auto pertencimento. Idealização. Feminicídio. Violência de gênero. Luna Vitrolira.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 AQUENDA – O AMOR AS VEZES É ISSO.....	07
2.1 O amor é revolucionário.....	08
2.2 Vivendo de amor.....	10
3 TUDO SOBRE O AMOR: NOVAS PERSPECTIVAS.....	13
4 ANÁLISE.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

A idealização do amor é difundida desde muito cedo nas relações familiares, visto que esta é uma das primeiras experiências com o amor que o indivíduo vivencia. Entretanto, o amor romântico é um dos principais mecanismos de controlar e submeter as mulheres a situações de abusos, violências e submissão. Dessa forma, esse ideal interfere diretamente na forma como essas mulheres irão se relacionar e na forma de serem amadas, além disso, a imposição social para que a mulher sempre esteja ao lado de homem para ser validada, reverbera ainda mais a ideia de que só serão plenamente felizes e realizadas quando encontrarem a sua “metade da laranja” ou “seu príncipe encantado”.

Nesse sentido, compreende-se que essa idealização do amor é utilizada como uma ferramenta de controle social, principalmente para as mulheres. A necessidade de seguir a herança patriarcal faz com que esse amor romântico idealizado aprisione mulheres muitas vezes em relações abusivas e violentas, assim, seguindo o posicionamento de que precisam aceitar e enfrentar tudo em nome desse amor que machuca e inúmeras vezes mata.

Partindo disso, esse trabalho de pesquisa se justifica com o objetivo de compreender como acontece a desconstrução do amor romântico idealizado, bem como a reflexão sobre questões como violência, abusos, feminicídio e a dominação de uma sociedade patriarcal. Essa compressão é alicerçada na obra *Aquenda - o amor às vezes é isso*, de Luna Vitrolira, publicado em 2018. A obra em questão traduz por meio de poemas as mazelas sofridas pautadas nesse amor opressor e caminha para o processo de liberdade feminina, cura e autoconhecimento.

Diante disso, foram utilizados arcabouços teóricos como Bell Hooks (2020), Diane Ackerman (1997), Elizabete Bicalho (2001), Lívia Natália (2016), Luna Vitrolira (2018), com o propósito de salientar sobre o processo de desconstrução do amor romântico até o processo de cura e autoconhecimento feminino, para mais, metodologia usada neste estudo baseia-se numa abordagem qualitativa. Esse método tem como objetivo responder a causa de alguns acontecimentos e as suas tendências, assim, designa-se por meio de um caráter exploratório, bem como o levantamento de hipóteses sobre o objeto de pesquisa, por fim, esse método não faz uso de estatísticas, visto que possui caráter descritivo. De acordo com Minayo (2001), esse tipo de pesquisa está voltada para questões que não pode, ser de fato quantificadas, assim, busca compreender os fenômenos gerados por meio das relações sociais.

Além do método qualitativo, utilizou-se como base a pesquisa do tipo bibliográfica. Segundo Fonseca (2002), qualquer que seja a natureza de um trabalho científico, todos são

iniciados com uma pesquisa bibliográfica, visto que, é partindo da busca de informações sobre o tema que torna-se mais fácil desenvolvê-lo e construir uma pesquisa consistente.

Inicialmente, a presente pesquisa buscou aparar-se em arcabouços teóricos sobre relações afetivas, a idealização do amor romântico, a naturalização da violência de gênero e a relação histórica da mulher perante a sociedade dentro dessas relações. Juntamente com essas questões supracitadas, a abordagem dessas temáticas acontece a partir da obra *Aquenda- o amor às vezes é isso* (2018), onde foram selecionados os poemas: *Me diz eu te amo*; *O amor é feito bala perdida*; *O amor está morto e enterrado*; *Em nome de Deus*; *Aprendi que não se ensina*; *Sou uma mulher de três bocas*; *Não conheço uma mulher que não tenha*; *Ei moço e Sou eu*. Por fim, a escolha desses poemas seguindo a mesma linha livro: relacionamento abusivos, violência e feminicídio, a relação entre religião e a violência contra mulheres e o processo de autoconhecimento feminino, cura, prazer e amor próprio.

2 AQUENDA - O AMOR AS VEZES É ISSO

A narrativa apresentada por Luna Vitrolira (2018) não retrata somente o amor, além de questionar o posicionamento do amor romântico ocidental, discute sobre questões históricas da mulher perante a sociedade e o sagrado feminino. Sem meias palavras, a narrativa expressa as incongruências do amor, principalmente nas relações afetivas, relações essas que por vezes são marcadas pela violência. Partindo disso, a obra é um conjunto de vivências não somente da própria autora, mas também sobre mulheres que estão inseridas na sua semelhança social, estética e política. De acordo com Luna “a gente precisa falar sobre isso para que a gente perceba a nossa vivência mas que também canalize para que não se torne apenas gatilho. Precisamos canalizar isso para a cura, para a nossa liberdade” (Revista O grito, 2022), assim, ela reverbera que a capacidade de aceitar e retratar as próprias mazelas auxiliam na tentativa de canalizar todas essas emoções e faz com que os caminhos para o autoconhecimento sejam abertos.

O projeto *Aquenda* surgiu em meados dos anos de 2014 e 2015, foi marcado pelo processo de impeachment de Dilma Rousseff. Além da intensificação de movimentos feministas, esses acontecimentos foram um dos pontapés iniciais para a artista levantar inúmeros questionamento, pois, ao ser entrevistada pela Revista “O Grito”, Luna afirma que:

Me vi dentro daquele processo, me compreendendo dentro do mundo, me entendendo enquanto gênero, pensando muito sobre o porque que eu sofro tantas violências, como é que funciona essa estrutura racista, machista, desse mundo construído. Isso foi reverberando dentro do meu processo de criação porque era aquilo que eu estava vivendo e tentando compreender. (NASCIMENTO, Revista O Grito, 2023, *online*)

A partir desses acontecimentos e questionamentos, Luna (2018) iniciou sua jornada em vivenciar experiências artísticas em penitenciárias femininas e masculinas, mas, foi nas penitenciárias femininas e por meio das histórias dessas mulheres, em grande parte negras, que a artista descobriu o eã da sua obra: o amor. Entretanto, ao se deparar com o cenário nas quais essas mulheres estavam inseridas, Luna não quis desenvolver sua obra pautada somente no amor baseado nas ideologias ocidentais, mas como um sentimento que serve como mecanismo de opressão e manipulação, que por meio desse poder tem a capacidade de massacrar a vida de indivíduos que são constantemente marginalizados, pois ao ouvir os relatos das detentas, além de se auto enxergar naquelas vivências e lembrar violências que tanto ela, quanto as mulheres da sua família já haviam sofrido, foi possível perceber a reafirmação de que o amor ofertado para aquelas mulheres, em grande parte, sempre foi um meio de oprimir e ameaçar, visto que, muitas estavam nesse espaço por conta das suas relações afetivas com pessoas em envolvidas no crime e/ou simplesmente pelo fato de terem realizado determinadas situações a mando de seus companheiros.

A partir dessas perspectivas, no ano de 2018 desabrocha o livro “Aquenda- O amor as vezes é isso” e posteriormente, o lançamento do disco composto por 10 faixas autorais, visto que Luna traz na sua bagagem uma forte presença de música e poesia. Dessa forma, o intuito principal da obra é levantar questionamentos e trazer ressignificações sobre o amor, visto que, partindo do cenário no qual mulheres negras estão inseridas, muitas tiveram contato apenas com esse tipo de amor opressor, violento, que machuca não somente fisicamente, mas destrói a individualidade e personalidade feminina. O livro deslancha com a ideia de desmistificar esse amor violento, machista, sexista, além de abordar temáticas como abusos e feminicídio. Por fim, surge a canalização da cura, o rompimento de gatilhos e o entendimento da liberdade e do autoconhecimento.

2.1 O amor é revolucionário

As relações afetivas das mulheres negras são pautadas primordialmente no desamor. Essa problemática parte da afirmação de ideologias racistas e sexistas, na qual essas mulheres não são tratadas como indivíduos dignos de receberem afeto. A partir disso, constroem uma

identidade onde não conseguem se autor- reconhecerem merecedoras de amor e respeito. Assim como Bell Hooks (2020), a escritora Livia Natália (2016) também compreende que essa idealização do amor romântico foi sendo disseminada pelo período escravocrata, pois os laços afetivos eram construídos a partir da impermanência, e esses traços podem ser notados ainda na contemporaneidade.

A experiência do amor romântico nos foi roubada pelo processo de escravização, quando era impossível constituir ligações afetivo-familiares ou a vivência do romance, no entanto, percebemos os seus efeitos ainda hoje, nos aprisionando num lugar extemporâneo: enquanto muitas mulheres brancas querem a emancipação absoluta, inclusive do envolvimento amoroso, nós ainda precisamos do exercício do afeto, nós não aprendemos a amar. (SOUZA, Geledés, 2016, *on-line*)

Diante de uma realidade opressora, a pauta do auto amor é sempre colocada como fator determinante, estão a todo momento reafirmando a ideia de aceitação, seja ela do corpo, do cabelo, do gênero, mas não compreendem que como essas mulheres irão se auto amar, se por ora, não se sentem dignas de serem amadas pelo outro, assim, a questão principal não é a necessidade de depender do afeto do outro, mas de compreender que desde muito cedo não foram ensinadas a amar, visto que sempre são colocadas em segundo plano e não como autoras da sua própria realidade. A partir disso, em seu texto “Eu mereço ser amada”, Livia Natália (2016), afirma que:

Nós amamos da maneira errada porque os espelhos não nos abrigam, eles nos machucam. Amamos da maneira errada porque superficializamos nosso auto-amor, centrando-o na beleza física e desprezamos a mulher que vive por detrás daquela imagem. (SOUZA, Geledés, 2016, *on-line*)

Nesse sentido, falar e escrever sobre o amor também é um ato de resistência e militância. O empoderamento de mulheres negras não deve partir somente do pressuposto de aceitação, mas também do empoderamento afetivo, visto que, as relações familiares também são oriundas de escassez de afeto, pois não havia a compreensão de que poderiam dar e receber amor, fazendo com que a família criasse os filhos para serem fortes e resistirem a uma sociedade racista, assim, Livia Natália (2016) afirma que “Somos mulheres fortes, mas, lá dentro, há um lusco-fusco de instabilidade e vulnerabilidade. Para nós o amor é a nossa prova dos nove”. Dessa forma, é preciso romper com a ideia de que demonstrações de afeto são sinônimos de fraqueza, e que sim, as mulheres negras são merecedoras de serem amadas e as suas dores e angústias também merecem espaço. Não cuidar somente do outro como fizeram por muito

tempo, mas compreender que também é necessário cuidar de si. Renegar dores e escondê-las em uma carapaça de força não irão amenizá-las, mas entender:

Eu mereço ser amada. Nós todas merecemos. E tudo começa nos amando em nossos defeitos, na raiz de nossos cabelos, nas nossas dúvidas e medos. Toda caminhada começa sondando o terreno, mas ninguém anda sem tropeçar: sejamos tolerantes com nossas fraquezas, julguemos menos os nossos atos, atribuamo-nos menos defeitos aprendamos a recomeçar. (SOUZA, Geledés, 2016, *on-line*).

Dessa forma, é possível compreender que as autoras reverberam a todo momento que o autoconhecimento é a chave primordial para o processo de cura feminino, visto que, é necessário compreender de qual forma essa mulher que foi ensinada a ser forte, a cuidar do outro e esquecer de si, se enxerga perante ao mundo, suas necessidades e vontades. Por fim, é compreender que esse processo de cura não é uma jornada linear, visto que, é preciso romper com esse paradigma de resistência e força impostos sobre a mulher e assim reconhecer dentro de si seus medos e fraquezas.

1.2 Vivendo de amor

Diante de tantas questões, a dificuldade das mulheres, principalmente as negras, de se sentirem amadas tem sido um processo complexo. Muitas afirmam que não sentem como se existisse amor em suas vidas ou quando existe, é um amor escasso, de acordo com a matéria “A mulher negra não é vista como digna de ser amada” da Revista Continente, a ativista negra e colunista da Revista Marie Claire, Stephanie Ribeiro afirma justamente isso:

Acho que existe um processo da sociedade contemporânea que torna as pessoas mais socialmente isoladas. Entretanto, não estamos ao falar de solidão da mulher negra questionando apenas um fator contemporâneo e, sim, um processo racial e de gênero. Veja que segundo o IBGE, existe um único grupo que se encontra em celibato definitivo, e esse grupo é o das mulheres pretas acima de 50 anos, além disso, o que se diz sobre solidão da mulher negra é um processo em que ela não é vista como ser humano digno de afeto e respeito. Portanto, mulheres negras se sentem, ao longo da sua vida afetiva, sendo tratadas como sujeitos de menor valor e também sentem que, mesmo dentro de relacionamentos, não se veem sendo tratadas com valor, mesmo quando seus companheiros são homens negros. O que estamos discutindo é um processo social, racial e da própria construção afetiva. (RIBEIRO, Revista Continente, 2018, *on-line*).

Partindo do princípio de amor segundo o psiquiatra M. Scott Peck (2008), que o define como uma intenção mas também como uma ação, enfatizando que o amor é “a vontade de se

expandir para possibilitar o nosso próprio crescimento ou o crescimento de outra pessoa” (M. Scott Peck apud Hooks, 2008, p. 188), pode-se perceber que historicamente, as divisões raciais acarretaram em uma dificuldade dos negros de “expandirem” espiritualmente. Sendo assim, as questões voltadas para a opressão, exploração e também o sistema escravocrata criaram barreiras e distorções sobre a capacidade dos mesmos de amarem e serem amados. Assim, Hooks (2010) enfatiza que “A escravidão criou no povo negro uma noção de intimidade ligada ao sentido prático de sua realidade. Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver”.

Em uma sociedade onde a supremacia branca permanece latente, pode-se perceber motivos sociais e políticos que explicitem as tendências de um racismo estrutural e também questões voltadas para um sentimento de inferiorização. Por vezes, a escolha de amar tem sido um ato de resistência para os Afro-americanos, a partir dessa escolha eles compreendem a sua “incapacidade” de amar e de serem amados. Entretanto, essa sensação de incapacidade é provinda dos sistemas de dominação que são perpassados até os dias atuais, visto que esse sistema se torna mais facilitado a partir do momento em que a habilidade e capacidade de amar são permanentemente afetados.

É uma ferida emocional arraigada desde o período escravocrata. Foram povos feridos justamente em lugares que poderiam ter sido apresentados o amor. Sendo assim, é difícil compreender o amor quando se vêm de uma história de pobreza extrema, separação familiares forçadas, relações violentas de poder e abusos. Assim, a colunista Stephanie Ribeiro relembra que:

Estamos falando de raça e gênero. Sendo assim, uma inter-relação de fatores. No fundo, vivemos numa sociedade machista e racista em que pessoas são racializadas e socialmente tratadas conforme seu gênero. Não podemos e nem devemos fingir que isso não é realidade. A maneira como vemos uma mulher negra nessa sociedade é socialmente construída para ser de um modo racista e machista, em que a mulher negra, numa escala de objetificação patriarcal, é tida como um objeto de menor valor que uma mulher branca. Além disso, para ela são atribuídos outros símbolos e características por conta da sua negritude. Mulheres negras são colocadas como barraqueiras, agressivas, fortes, sexualmente feras. Todo esse imaginário hiperssexualizador e desumanizador, baseado em construções racistas, impacta na forma como as relações afetivas são construídas.” (RIBEIRO, Revista Continente, 2018, *on-line*)

Mesmo com o término do sistema escravocrata, muitos ainda se sentiram despreparados para vivenciar e transpor tudo isso que chamam de amor, muitos construíram relações afetivas e familiares baseadas na violência, dando abertura para seguir o mesmo modelo hierárquico, de

tal forma que “criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como que para provar seu controle e dominação” (HOOKS, 2010). Além disso, foram condicionados a reprimir seus sentimentos, construíram relações líquidas, onde não era possível compreender até quando permaneceriam juntos. Dessa forma, eram obrigados pelas circunstâncias nas quais viviam, a não se tornarem pessoas vulneráveis e a construírem relações baseadas na transitoriedade, práticas e realistas.

Como já foi falado, a escassez de amor na vida das mulheres negras é um fator determinante em questões voltadas para a sua sobrevivência, visto que, essa escassez tem propiciado dificuldades delas viverem uma vida plena. Geralmente, sempre são abraçadas com a idealização de que possuem a capacidade de sobreviverem mesmo estando imersas em situações difíceis, mas, ao passo que descobrem a capacidade do auto amor, compreende-se que viver plenamente vai além de suportar essas situações as quais estão imersas, dito isso, é de suma importância que essas mulheres não reneguem a capacidade de se auto amarem e também de receberem amor.

Desde muito novas foram ensinadas a anularem as suas necessidades emocionais, colocando sempre em pauta a luta pela sobrevivência contra o racismo e o sexismo, mas, nunca foram alertadas sobre como as suas emoções e sentimentos estão correlacionados com essas lutas. Além disso, os parâmetros sociais impostos para essas mulheres sempre foram de lugares onde o seu papel principal era de cuidar do outro e renegar as suas necessidades. Assim, quando compreendem e reconhecem a sua dor, não somente a do outro, elas conseguem encontrar maneiras de curá-las e aprender que o amor também auxilia nesse processo de cura.

3 TUDO SOBRE O AMOR: NOVAS PERSPECTIVAS

A partir dos fatos supracitados, Bell Hooks (2020), traz a ideia de regressão do amor. A autora afirma que essa regressão liberta a alma e abandona o medo. Neste sentido, revigora a ideia de que falar sobre amor também é um ato revolucionário. Assim, a partir disso a autora contribui para a desmitificação de que o amor seria uma fraqueza e/ou irracionalidade, mas que o mesmo também pode ser considerado uma potência, visto que por meio dele é possível que haja o rompimento de atos de violência e dores, vislumbrando então, uma sociedade conseqüentemente mais amorosa, convicta de que as suas atitudes perante ao amor também são consideradas uma maneira de posicionamento e inserção social.

Hooks (2020), disserta como homens e mulheres, em específico, indivíduos negros, exploram as suas capacidades e maneiras de amar, visto que, estão inseridos em uma sociedade predominantemente patriarcal, racista e niilista. Dessa forma, ao abordar essa temática, a teórica correlaciona as suas teorias sobre amor juntamente com as problemáticas sociais pautadas em reflexões sobre o sexismo, homofobia, racismo, dentre outros. Desde a infância, as perspectivas e ensinamentos sobre o amor são muito equivocados e limitados, ainda tratam o amor como uma forma de fraqueza, assim, desconsiderando o quão importante é o ato de aprender a amar, não somente o outro, mas também a si próprio. Sendo assim, entende-se que o amor é uma construção constante e essa construção caracteriza-se por meio de ações que implicam em compreender o que é de fato o amor e dessa maneira aprender a colocá-lo em prática. Assim, essas perspectivas equivocadas, fazem com que a sociedade utilize o termo para designar uma infinidade de situações, emoções, atitudes, etc., e é justamente essa confusão sobre a designação do termo que implica a dificuldade dos indivíduos de amarem.

Partindo das concepções de amor, pode-se perceber que o seu significado ainda é considerado intangível para muitos autores. Assim, pode-se afirmar que “usamos a palavra amor de um jeito tão desleixado que ela pode significar quase nada ou absolutamente tudo” (Diane Ackerman apud Hooks, 1997, p. 42). Essas definições turvas sobre o amor reforçam a dificuldade dos indivíduos de explanarem com convicção sobre o que elas falam quando utilizam desse conceito. Além disso, muitas classificações estão pautadas em versões, em grande maioria, somente sobre o amor romântico. Hooks (2020) rompe com esse paradigma, trazendo assim, um conceito sobre amor que vai além de um apreço e afeto por outro indivíduo, retomando o conceito de amor como uma ação. Sendo assim, a autora afirma que “são as ações que constroem os sentimentos” (p. 13).

Independente de qual estrutura familiar o indivíduo está inserido, aprende-se sobre o amor desde a infância, entretanto, muitas vezes não há o desejo de questionar sobre de fato o que é o amor. Por vezes, as crianças o entendem como um sentimento bom, quando são validadas e tratadas bem, porém, ao serem punidas de forma dura ou cruel com a justificativa de que essas punições seriam para o seu próprio bem, a criança/adolescente questiona-se essas punições de fato são um gesto de amor. A partir de tais afirmações como: “estamos fazendo isso pois te amamos”, “dói mais em mim do que em você”, entre outras, essas crianças começam desde cedo a se questionarem o que de fato seria o amor, e, por mais que duvidem que ele exista, ainda desde muito novos começam a desejá-lo, dessa forma, até as crianças que não receberam punições tão rígidas durante sua infância fazem alusão ao amor por meio do contexto de punição e recompensa. Mesmo recebendo punições ainda compreendem o amor como um sentimento

bom, seja desde a sensação de se alimentar com a comida favorita feita pela mãe, até presentes e demonstrações de afeto como abraços e beijos. Entretanto, essa concepção de que o amor é desfrutar de algo que deseja, por mais simples que seja, acaba dificultando o processo de compreensão emocional do indivíduo.

Diante dessas afirmações, pode-se compreender que não apenas essas questões familiares se tornam um impasse para que haja o desenvolvimento de práticas amorosas, mas também as relações de gênero que são retratadas no discurso de Hooks (2020), reafirmando que a maior problemática está ligada diretamente com o patriarcado e também com a cultura machista. Segundo a autora:

A partir do momento em que os meninos pequenos são que não devem chorar nem expressar mágoa, solidão ou dor, que devem ser duros, eles aprendem a mascarar seus sentimentos verdadeiros. Na pior das hipóteses, aprendem a nunca sentir nada. Essas lições muitas vezes são ensinadas a meninos por outros homens e por mães machistas. (HOOKS, 2020, p. 72)

Assim, desde cedo foram ensinados não somente a mentir para esconder “fragilidades”, mas para ter o domínio perante ao outro, principalmente em relação as mulheres, visto que essas mentiras aparecem como uma forma de dominação e omissão de suas responsabilidades, principalmente após a entrada da mulher no mercado de trabalho. Entretanto, Hooks (2020) salienta que diante desse sistema patriarcal, as mulheres também mentem, mas como uma forma de manipulação ou de elevar a autoestima masculina, o que ela considera uma prática chamada de “feminilidade patriarcal”, dito isso, ela afirma que, “(...) Homens aprendem a mentir como forma de obter poder, e mulheres não apenas fazem o mesmo como também mentem para fingir que não têm poder” (p. 70).

Diante disso, Hooks (2020), traz a reflexão sobre nossas próprias dores, vislumbrando que essas situações também causam feridas, mesmo que tenham arraigado a ideia de que são sofrimentos desnecessários, mas, a autora afirma que a forma como se reage e a escolha mais plausível é não deixar que esses sofrimentos deixem marcas ao longo da vida, por mais difícil que seja, o que se faz com essas marcas é uma escolha própria. Entretanto, esse processo de cura, por mais que seja individual, segundo Hooks (2020) com o isolamento ser torna ainda mais difícil, dessa forma, afirma que “a cura é um ato de comunhão” (p. 19). Por fim, pode-se entender que de acordo com a autora a cura acontece por meio do conhecimento da compaixão e perdão, assim, essas bagagens que atropelam o processo de cura são deixadas para trás, e somente assim fazer as pazes consigo.

4 ANÁLISE

O título do livro traz um significado polissêmico e inúmeros levantamentos acerca da palavra “Aquenda”, o termo em questão tem origem Bajubá e é resultado da mistura de línguas africanas como o Iorubá e Kimbundô. A princípio seu significado vem da ideia de “prestar atenção” e foi a partir dessa concepção que surgiu o título do livro, visto que o subtítulo “o amor às vezes é isso” traz um sinal de alerta sobre a desmistificação do amor, como se houvesse uma chamada de atenção para a quebra de expectativas relacionadas a esse amor idealizado vendido pelo mercado pautado muitas vezes na opressão, punição, violência e vigilância, assim, desde o título é possível perceber o rompimento da ideia do amor eurocêntrico e ocidental. Para além disso, a palavra *aquenda* também possui a concepção de esconder e/ou mostrar o órgão genital masculino, utilizado comumente como “aquendar a neça”, “desaquendar a neça” e etc., partindo dessas duas concepções, Luna cria o título do seu livro com o intuito de trazer à tona pensamentos, posicionamentos e sentimentos que por inúmeras vezes ficaram escondidos.

Embora seus poemas sejam conscientemente sobre o amor, é possível perceber que não se trata de um amor idealizado, muito menos amores que são vendidos ao lado de príncipes encantados salvadores da pátria e das mulheres, enfatiza-se amores, pois Luna traz inúmeras versões do amor, desde o amor carnal, possessivo até o amor próprio e o autodescobrimento dentro de uma sociedade que cala mulheres negras e repudiam seus desejos e vontades. Esse amor vem de um lugar de sofrimento, repressão, medo, violência e Luna afirma que o amor é totalmente o contrário disso, dessa forma, seus poemas vão criando uma linha de raciocínio, o livro começa com poemas sobre feminicídio, controle, violência, sendo mesclados também com poemas sobre o desejo feminino, amores carnavais e por fim, o livro termina com o processo de entendimento e de autodescoberta, trazendo a compreensão de uma mulher multifacetada.

Esse amor romântico que inúmeras vezes mata e é nesse amor que as justificativas são pautadas, crimes passionais, violências, abusos, cárceres, são temas expostos nos poemas como:

me diz eu te amo/ como um beijo/ como um espirro/ me diz que meu amor te cega/ te fode e te confisca/ que o dia é tão à toa/ sem ter alguém que te faça valer a vida/ vai/ enche a boca/ arfa/ grita/ desliga o telefone/ arremessa contra a parede/ vai pra rua e volta se dizendo mais arrependida/ queira me prender em teu mundo/ reaver nossos sonhos/ queira que eu te complete/ te desperte/ te deixe mais bonita/ me manipula vai/ me ameaça/ se vingue mas depois diz eu te amo/ diz que eu sou o amor da tua vida. (VITROLIRA, *me diz eu te amo*, p. 36-37)

Nota-se a presença de falas, atitudes e posicionamentos de uma relação abusiva e tóxica, onde existe uma criação de arrependimento por parte do companheiro após atitudes

desrespeitosas com a sua companheira, esse posicionamento de vítima reverbera a posição de culpa transposta para a mulher, que se reconhece presa dentro de um relacionamento abusivo mas se sente culpada pelo desrespeito do outro e por vezes acredita na mudança daquele que te machuca colocando sempre como motivos o amor, visto isso, é possível compreender que esse posicionamento de colocar a mulher como a culpada é arraigado desde os primórdios e é perpassado até hoje, pois é muito comum as vítimas serem colocadas como culpadas.

Partindo do pressuposto de que as vítimas são colocadas como culpadas pela sociedade, o poema “O amor é feito bala perdida” (VITROLIRA p. 47), traz justamente essa pauta, onde por meios das estrofes é possível perceber que se trata de uma violência doméstica e que com o passar das agressões pode se tornar um feminicídio. Compreende-se a tentativa daquela mulher de se defender da forma que pode “uma panela de água fervendo no rosto de alguém querido” (p.47), trazendo a realidade transmitida nos jornais e mesmo assim ainda ser considerada culpada pela agressão do outro:

o amor é feito bala perdida/ que acerta um desavisado/ ao cruzar
a rua/ ao dobrar a esquina/ às vezes vem num soco/ às vezes
vem num grito/ o amor às vezes é isso/ uma panela de água
fervendo/ no rosto de alguém querido/ às vezes esmola/ às
vezes migalha/ que se devolve com um tiro/ ou acaba em
facada/ o amor tem medo da vida/ uma hora eleva/ na outra
arrasta/ desconfia da sorte/ tem medo da falta/ o amor
corresponde à entrega/ com uma rasteira/ e às vezes mata/ de
tirania/ de asfixia/ de ciúme/ de raiva/ como alguém que se
alimenta/ e de repente engasga. (VITROLIRA, *o amor é feito
bala*, p. 47-48)

Algumas formas de agressão são contabilizadas nesse poema e em “Me diz eu te amo”, visto que, essas agressões podem surgir de maneira “sutil”, como desligar o telefone ou arremessá-lo contra a parede, as vezes uma migalha seja de respeito ou cuidado, assim, Luna diz: “o amor às vezes é isso”, recapitulando a ideia daquele amor punitivo e violento, mas em contrapartida, o amor não é isso. Ao afirmar “o amor tem medo da vida” quantas mulheres, meninas, mães, filhas, irmãs, foram mortas em nome do amor? quantas foram violentas simplesmente por serem mulheres? o amor tem medo da vida, mas da vida de mulheres que são massacradas por uma sociedade machista, sexista e manipuladora, que contando com a sorte saem com vida, denunciam e se pronunciam para dar espaço para outras mulheres fazerem o mesmo e ainda são vistas como culpadas, ainda procuram motivos para que tal fato tenha acontecido, a invalidação da dor feminina parte da sociedade que acredita em um amor doentio que aceita, que manipula e principalmente que mata.

De acordo com a quarta edição da pesquisa “Visível e invisível: a vitimização das mulheres no Brasil”, produzida pelo FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública) em 2021 foram aproximadamente 50.962 casos por dia de violência física, psicológica e sexual contra mulheres. Partindo desse pressuposto, pode-se entender que o controle e o domínio dos homens sobre as mulheres ainda é naturalizado, existe a normalização de relações conturbadas e violentas pautadas pelo obscurantismo do amor romântico, além disso, como já foi supracitado nas afirmativas de Bell Hooks (2018) sobre a correção violenta mediante as atitudes e escolhas dos filhos perante as escolhas do pais, esses homens partem basicamente do mesmo princípio quando são contrariados por suas cônjuges, o sentimento de posse e pertencimento sobre o corpo feminino faz com que eles sintam-se assentidos para praticar esse tipo de violência.

É possível compreender essa hierarquia, essa relação de poder onde a mulher precisa constantemente estar em uma posição de submissão e passividade, assim, a mulher é ensinada desde muito nova a colocar o homem como centro da sua vida, anulando a si própria. Nesse viés, Luna escreve o poema “O amor está morto e enterrado”:

o amor está morto e enterrado/ soube esses dias que foi arrastado pelas
pernas/ pra um terreno baldio/ parece que não teve direito a velório/
por motivos de/ estado avançado de decomposição/ o amor
apodreceu/ ficou só osso/ não recebeu flores/ não recebeu velas/ nem
mensagens/ da multidão desconhecida/ estava desaparecido/ disseram
que foi estrangulado por ciúme/ que pediu socorro/ mas ninguém
ouve/ a vizinhança dormia/ e dorme/ o amor está morto e enterrado.
(AUTORA, *o amor está morto e enterrado*, p. 53)

Dentro desses poemas nota-se a presença marcante dessa ideia de submissão, sempre utilizando de uma desculpa para que o homem controle e domine, principalmente com agressões físicas, no poema supracitado, o motivo do feminicídio foi ciúmes, a violência marcada nas linhas do poema atravessam a realidade de uma maneira crua e direta. Observa-se ainda que a marcação dos títulos dos poemas como “o amor é” ou “o amor está”, seguidos de poemas que retratam violências, quebram justamente o paradigma de um amor romântico e retratam a maneira real de como a grande maioria das mulheres foram ensinadas a serem amadas e naturalizarem esse amor violento.

Dessa maneira, por meio da luta e resistência, compreende-se que essas mortes não aconteceram e não acontecem por amor, a verdade é que a violência contra mulheres acontece simplesmente pelo fato de serem mulheres e o amor é utilizado como instrumento de poder, fazendo com que a grande maioria dos homens entendam que estão nesse lugar de dominação e força.

A violência de gênero também é reiterada na religião, visto que, dentro do cristianismo a identidade de gênero sempre foi pautada na tradição patriarcal, pois desde cedo as mulheres foram induzidas a entenderem que seu lugar no mundo era somente cuidar dos filhos, marido e do lar, pautados no discurso de que esses atributos seriam desígnios de Deus e que “a mulher sábia edifica sua casa, mas a tola derriba-as com as suas mãos” (provérbios 14:1).

Essa estrutura patriarcal é baseada principalmente na submissão, assim, as mulheres foram direcionadas a ocuparem lugares de inferioridade e silêncio por longos anos, pois compreendiam que somente o homem teria a capacidade de agir de forma racional e dessa forma agiam como responsáveis por controlar e cuidar da sua cônjuge. Partindo desse pressuposto, muitas vezes estavam imersas em relacionamentos arranjados por seus pais, dentro de um lar violento e abusivo, aceitando em nome da família e do “amor” essas agressões físicas, psicológicas e muitas vezes sexuais. Luna traz no poema “Em nome de Deus” (p. 55) justamente isso:

em nome de deus/ quantas mulheres foram agredidas/ ameaçadas de morte/ e mantidas em cárcere privado/ em nome de deus/ quantas morreram apedrejadas/ quantas foram esfaqueadas/ degolados os sonhos em sacrifício/ em nome de deus/ quantas perderam seus filhos/ quantas dessas mulheres sumiram/ quais tiveram a chance de voltar pra casa/ em nome de deus/ quantas morreram espancadas/ quantas foram asfixiadas/ esquartejadas pelos próprios maridos/ em nome de deus/ do espírito santo/ ou do amor divino/ quantas viraram estatística por feminicídio. (VITROLIRA, *em nome de Deus*, p. 55).

Essa relação mútua entre religião e a disseminação da violência é muito marcante, pois não há como desmentir o fato de que essa relação colabora diretamente para tal fato, visto que, como já foi supracitado ao abordarem a questão da submissão e da secundariedade seja por meio do discurso ou indiretamente, faz com que exista uma legitimação desses comportamentos. Muitas vezes essas mulheres justificam tais agressões como uma forma de resignação ou até mesmo uma maneira de estarem mais próximas de Deus, em razão de serem orientadas a orarem mais pelo seu casamento, por seu cônjuge e ser uma mulher sábia. “A religião é justificadora de uma situação de violência contra a mulher, levando-a a compreender e aceitar conflitos conjugais que envolvem violência psicológica e física, inculcando-lhe culpas e medos” (BICALHO, 2001, p. 19).

Dentro do poema de Luna é possível perceber justamente esses fatos, muitas mulheres entram para as estatísticas do feminicídio justamente por estarem inseridas nessa representação social de violência conjugal e também doméstica, relações essas que são pautadas em manifestações religiosas que reproduzem os discursos misóginos e de submissão feminina, e assim, é possível compreender novamente essa hierarquização e naturalização desses aspectos

dentro dessas relações de gênero, pois além de serem violentadas no meio conjugal, ao passo que as organizações religiosas tomam consciência dessas agressões e não orientem a mulher a denunciar o abusador, também estão cometendo um ato de violência sendo coniventes e omissos.

Por fim, diante dos poemas expostos compreende-se que o amor nessa circunstância é considerado mais um dispositivo para continuar cerceando a liberdade das mulheres, uma vez que essa idealização do amor romântico parte do pressuposto da criação de um lar, a idealização da maternidade e dentro desse modelo socialmente imposto, a mulher é posta em um meio familiar de subordinação e submissão ao seu parceiro. Essas violências já citadas trazem consequências irreparáveis, principalmente questões psicológicas, pois a mulher dentro dessas relações abusivas tem a tendência a deixar de lado o seu auto respeito, autoconfiança e com isso a consequência é se sentirem culpadas por tais agressões independentemente de quais sejam.

O patriarcalismo é um dos fatores fundamentais para a permanência dessas mulheres em ciclos abusivos porque foram educadas a compreender que essa dominação masculina fosse extremamente natural, outros fatores como dependência emocional e financeira, além do medo de se sentirem sozinhas e desamparadas, pois essa concepção de amor romântico se torna tão intrínseca que colaboram com a ideia de que não existe outra maneira de se sentirem amadas e respeitadas. Portanto, permanecem limitadas dentro desse amor, Luna enfatiza justamente a necessidade de romper com esse ciclo, saindo da concepção de que o amor é o único esteio que sustenta todo o alicerce feminino, mas também como um processo de se autoconhecerem e auto amarem.

Partindo do pressuposto sobre autoconhecimento, amor próprio e autovalorização, durante muito tempo o desejo da mulher foi reprimido, sempre no intuito de conceber prazer ao outro, deixando de lado sua individualidade, desejos e vontades. Alguns poemas de Luna trazem essa questão do desejo feminino, da liberdade sexual, dos julgamentos diante do prazer feminino e da maneira como a mulher se comporta perante ao mundo diante disso, é possível perceber essa presença marcante no poema “Aprendi que não se ensina” (p.61-62):

aprendi o que não se ensina/ a uma mulher de família gosto
de ser minha/ de ser minha vida/ e meu próprio desejo/
independente/ autossuficiente/ me bastar/ gosto de me pôr
os dedos/ levar à boca o meu veneno/ puxar meus próprios
cabelos/ e me matar/ mas se pertencer pressupõe/ coragem
e paciência/ dizem/ se aguentar é tão difícil/ santa/ ou / suja/
pudica/ ou/ puta/ toda mulher sabe de si/ dos seus disfarces/
e dos seus sacrifícios (VITROLIRA, *Aprendi que não se
ensina*, p.61-62)

É perceptível a desconstrução da ideia histórica e socialmente imposta diante dos requisitos primordiais para ser e se tornar uma mulher de família, essas ideias fizeram por muito tempo com que as mulheres que rompessem esse tipo de padrão fossem consideradas sujas, deturpadas e indignas de serem respeitadas. A partir da desconstrução de alguns padrões, as mulheres passaram a se libertar dessa exigência em agradar a todos e desagradar e esquecer de si, pois foram sempre condicionadas e desencorajadas a se autopertencerem, tendo a necessidade de sempre se colocarem em segundo plano, e ao passo que a mulher começa a entender o lugar que poderia e pode ocupar na sociedade além de mãe, esposa e filha, ela começa o processo de autopertecimento, de amor próprio e auto aceitação, saindo do viés de que precisa necessariamente seguir padrões impostos por uma sociedade machista para ser aceita e respeitada.

Todo esse processo de desconstrução é lento e vem acontecendo de forma gradativa, pois como já foi supracitado a sexualidade feminina sempre foi muito reprimida, além de não se sentirem confortáveis com os próprios corpos, existe a questão voltada para a religiosidade, pois o prazer feminino sempre foi visto como impuro, dessa forma, muitas se sentiam culpadas por se tocarem e se autoconhecerem. Essa questão da quebra da religiosidade é marcada fortemente dentro dos poemas de Luna, é possível perceber em:

sou uma mulher de três bocas, que gosta de ser explorada,
mas primeiro se ajoelha, meu bem e reza que o templo de
deus é uma buceta e se revela aqui entre as minhas pernas.
(VITROLIRA, *Sou uma mulher de três bocas*, p. 25)

A princípio essa alusão ao templo de Deus dentro de um poema de cunho sexual pode gerar estranhamento para quem lê, mas é justamente dentro desse estranhamento que Luna quer romper com a ideia de que o corpo da mulher é impuro, que seu prazer é impuro. Partindo dessa concepção de que conhecer o próprio corpo era considerado ir contra a pureza, Luna traz uma temática que é considerada um dos maiores tabus dentro da sexualidade feminina até os dias atuais:

não conheço uma mulher que não tenha amado seu
travesseiro que entregue aos instintos rezou ao tocar seus
seios ao se enfiar os dedos gemendo em quase silêncio com
medo de ser vista por deus e excitá-lo. (VITROLIRA, *Não
conheço uma mulher que não tenha*, p.50)

A masturbação ainda é considerado um dos maiores tabus dentro da sexualidade feminina, visto que um dos motivos é justamente a desvalorização do prazer feminino e o

secretismo, além da resistência criada pela religião do sistema patriarcal. A princípio, as relações sexuais eram vistas somente como uma maneira de conceber juntamente com a concepção da subserviência, renúncia e castidade feminina, assim, todos esses levantamentos levam basicamente a um denominador comum: a vergonha, gerando assim o sentimento de culpa e impureza quanto ao autoconhecimento sexual.

A abordagem quando se trata do prazer feminino e masculino é bem discrepante, já que a liberdade e segurança disposta ao homem para falar sobre o assunto é considerada um meio de virilidade, enquanto a vivência e a partilha perante a mulher ainda é bem pacata até mesmo no meio feminino, muitas vezes existe essa troca de informações, mas sem muita abertura para experiências próprias, por mais que o acesso esteja mais facilitado ainda existe a questão da vergonha e do receio. Por fim, é necessário compreender a importância da educação sexual com o intuito de descontinuar essa ideologia machista, além de perceber que o processo de autoconhecimento acontece de dentro para fora e assim a mulher começa a romper com esses entraves que com o passar do tempo tornam-se internalizados, portanto, esse processo começa desde a maneira como a mulher se enxerga tanto ao ser olhar no espelho, quanto a maneira de ver o mundo, pois a autoconfiança e a autoestima estão diretamente ligados com o prazer, é necessário se permitir e experienciar o próprio corpo, praticando assim a aceitação e amor próprio.

Ao decorrer do livro, Luna aborda questões voltadas para a violência de gênero, machismo, etc., todas essas pautas são retratadas com o intuito de desmistificar a idealização do amor, dentro disso, existe a fusão de poemas que refletem o autoconhecimento e libertação dos padrões socialmente impostos. Alicerçada nisso, Luna escreve poemas como “Ei moço”:

ei moço/ abre bem os seus ouvidos/ contenha os seus instintos/ e me
escuta/ não vai nessa de chamar uma mulher de vagabunda/ cai fora
e deixa ela em paz/ engole esse assobio/ esse viço de bicho viril/ e
vaza rapaz/ que ser mulher nunca foi fácil/ sofrer privações e
bombardeios/ vindos de todos os lados/ ser subjugada/ tida como
frágil/ incapaz/ dependente/ e limitada/ a da cama/ mesa/ e banho/ do
lar e requintada/ definida pelo corpo/ escolhida pelo corpo/ banida
pelo corpo/ assediada e humilhada/ desde quando uma estria é motivo
de risada/ ser vítima e ainda ser culpada/ sou mulher fêmea moço/
aprendi que tenho meus poderes/ minhas forças/ meus quereres/ que
sou livre/ e que não eu não sou culpada/ por sofrer agressão/ pela mão
que você me passa/ não eu não sou culpada/ pelo que se tenta
naturalizar/ na rua/ no trabalho/ na praça e no lar/ não sou uma roupa/
não sou uma cor/ não sou uma fruta/ não sou um objeto qualquer/ que
você pega e abusa/ sou a menina de 16 anos/ aquela que por 33
homens foi estuprada/ a empregada assediada pelo patrão/ a esposa
esfaqueada por várias mãos/ as meninas que morreram de aborto/
num quarto dos fundos de qualquer casa/ a puta espancada/ a
namorada vigiada/ a estudante perseguida/ a profissional humilhada/

sou aquela de quem se tirou a voz/ feita de refém/ eu sou todas elas e
você mulheres também. (VITROLIRA, *Ei moço*, p. 59-60)

Verifica-se a presença de situações corriqueiras na vida da mulher, tais como assédio, a cobrança por um corpo perfeito, críticas e questionamentos sobre suas escolhas, mas ao mesmo tempo, Luna reforça “aprendi que tenho meus poderes, minhas forças, meus quereres, que sou livre e não sou culpada” (p.60), fundamentada nessas afirmações, compreende-se o processo de descoberta sobre a própria liberdade mas também a consciência de como essas experiências interferiram e interferem na vida das mulheres, pois durante todo o poema percebe-se a exposição da violência contra mulher e o entendimento sobre o sentimento de culpa diante de condutas masculinas que são naturalizadas. Assim, Luna reafirma seu posicionamento e uma das ideias principais dentro do livro, visto que, essas situações também já foram vivenciadas e sentidas por Luna, assim, ela se reconhece dentro dessas mulheres que também foram violentadas, subjugadas e/ou culpadas.

Após isso, o livro se encerra com o poema “Sou eu” (p.64), que visa justamente a desconstrução feminina, o reconhecimento de ser uma mulher multifacetada e em constante evolução:

sou eu/ mulher que tem vários nomes/ muitas faces e farsas/ como
tudo uma invenção/ sou eu/ mulher/ essa palavra arbitrária/ em d e s
c o n s t r u ç ã o. (VITROLIRA, *Sou eu*, p. 64)

Durante toda a trajetória dos poemas, nota-se a presença marcante da exposição de fatos que corroborem para o entendimento de que o amor conhecido até então, é um amor que machuca, que mata e que culpa. Desse modo, a finalização do livro com poemas que trazem a mulher de volta ao eixo central da sua vida, é a peça chave para a entendimento da ideia principal da obra, ao passo que a mulher se reconhece como autora da própria história, ela já está imbuída dentro do seu processo de desconstrução e assim reverbera a concepção de que essa dor do amor não rege mais a sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar e escrever sobre o amor também é um ato de resistência e militância, visto que, as mulheres sempre estiverem inseridas em situações de silêncio e submissão. A partir disso, a obra de Luna Vitrolira (2018) corrobora para o rompimento de paradigmas impostos por uma sociedade onde o discurso patriarcal e machista ainda é peremptório. Pouco se fala sobre a desconstrução da idealização do amor romântico, sobre a cobrança imposta socialmente perante as mulheres diante da falta de um relacionamento, filhos e/ou família e como essa cobrança atinge diretamente na maneira como essa mulher se enxerga perante ao mundo. Dessa forma, a obra de Luna desmistifica praticamente tudo que já se foi ensinado sobre o amor, a abordagem do feminicídio, da violência e do abuso rompe com esse amor idealizado e o realoca para um lugar de opressão.

Esse amor que mata, machuca, maldiz, abusa e transforma mulheres em um objeto submisso e fragilizado é muito naturalizado pela sociedade de modo geral, pois a formação ideológica que a constitui é estrutural. Diante disso, conclui-se que essa desconstrução é necessária, porém ocorre de maneira gradativa, por fim, essa ressignificação do amor romântico contribui diretamente para a aproximação da autodescoberta, da cura e do auto pertencimento feminino.

REFERÊNCIAS

- A mulher negra não é vista como digna de ser amada.** CEPE, 2018. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/entrevista/-a-mulher-negra-nao-e-vista-como-digna-de-ser-amada->. Acesso em 1 dez. 2023.
- BICALHO, Elizabete. **A nódoa da misoginiana naturalização da violência de gênero:** mulheres pentecostais e carismáticas. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Goiás, Goiânia, 2001.
- CKERMAN, Diane. **A Natural History of Love.** Nova York: Random House, 1994. [Ed. bras.: Uma história natural do amor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.]
- Entrevista: O multiverso artístico de Luna Vitrolira em “Aquenda – O Amor Às Vezes É Isso”.** O Grito!. 2023. Disponível em: <https://revistaogrito.com/entrevista-o-multiverso-artistico-de-luna-vitrolira-em-aquenda-o-amor-as-vezes-e-isso>. Acesso em: 15 de ago. 2023.
- Luna desconstrói o amor idealizado em seu primeiro livro.** Folha de Pernambuco, 2018. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/luna-vitrolira-desconstroio-o-amor-idealizado-em-seu-primeiro-livro/79512>. Acesso em: 15 de ago. 2023.
- SILVA, Sislano Vieira da. **“AQUENDA MONA”:** a linguagem como inscrição do sujeito e o uso do pajubá na comunidade lgbtqi+. Dissertação (bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2020.
- SIQUEIRA, Grazielly Maria de Oliveira. **A relação entre religião e violência contra as mulheres.** Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Goiás, Goiânia, 2019.
- SOUZA, Livia Maria Natália de. **Eu mereço ser amada.** Portal Geledés, São Paulo, 11 abri. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/eu-mereco-ser-amada>. Acesso em: 20 out. 2023.
- SOUZA, Livia Maria Natália de. **Venci a resistência a escrever sobre o amor.** Portal Geledés, São Paulo, 9 jan. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/livia-natalia-venci-resistencia-escrever-sobre-o-amor>. Acesso em 20 de nov. 2023.
- SOUZA, Livia Maria Natália de. **O amor é revolucionário.** Aldeia Nagô, Salvador, 27 jul. 2016. Disponível em: <https://aldeianago.com.br/nossos-baianos/13458-o-amor-e-revolucionario-por-livia-natalia>. Acesso em 20 out. 2023.
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor:** novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, Bell. **Vivendo de Amor.** Portal Geledés, São Paulo, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 20 out. 2023.
- VITROLIRA, Luna. **Aquenda-** o amor às vezes é isso. São Paulo: Livre, 2018